

NÃO SE É POVO SEM MEMÓRIA: RECORDAR VASCO DA GAMA, CAMÕES, ALEXANDRE HERCULANO E OUTRAS PERSONALIDADES A PROPÓSITO DAS SUAS TUMULAÇÕES NOS JERÓNIMOS

Ana Maria Costa Lopes*

Neste tempo em que a globalização da cultura parece esbater as diferenças étnicas, também se dá muita atenção à preservação de alguns dos traços mais marcantes da identidade, frequentemente ligados ao papel que as figuras mais relevantes da história pátria tiveram na construção da gesta de glória e do seu imaginário. A formação de um Panteão Nacional, como lugar privilegiado de concentração da memória colectiva, entra neste desígnio. As breves notas aqui alinhadas não fazem mais do que reviver certas figuras da nossa história e da nossa cultura através dos eventos ligados à sua tumulação num dos nossos mais importantes monumentos, o Mosteiro dos Jerónimos, sucedâneo de outros em que foram sepultadas algumas das nossas glórias nacionais, como Santa Cruz de Coimbra e Mosteiro da Batalha. E porque estes acontecimentos estão ligados à intervenção de Almeida Garrett e Alexandre Herculano entre outros, para a tumulação de Vasco da Gama e Camões nos Jerónimos, referiremos especialmente o seu contributo para a constituição de tal Panteão, dando atenção às vicissitudes ligadas à tumulação das personalidades nele sepultadas.

A atenção aos heróis nacionais traz consigo as marcas do tempo. As que mais nos interessam aqui estão ligadas ao século XIX e aos inícios do seguinte. A época oitocentista, imbuída do *Zeitgeist* próprio dos ideais românticos, pretendia glorificar o passado da nação e dos seus heróis, representado pelos mais lídimos representantes e iniciadores do movimento Romântico, em Portugal, Almeida Garrett, Alexandre Herculano¹, entre outros de menor renome, que a eles se associaram: escritores, intelectuais, pintores, políticos, músicos, empenha-

* CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa.

¹ Alexandre HERCULANO, «Os monumentos», *O Panorama*, vol. 2, n.º 69, 1838, pp. 266-268; ID, «Os monumentos», *O Panorama*, vol. 2, n.º 70, 1838, pp. 275-277; ID, «Mais um brado a favor dos monumentos», *O Panorama*, vol. 3, n.º 93, 1839, pp. 43-45; ID, «Mais um brado a favor dos monumentos, II», *O Panorama*, vol. 3, n.º [93?], 1839, pp. 50-52. Estes artigos estão fundidos nos «Monumentos pátrios», *Opúsculos*, 2.

das em lutar pelo engrandecimento do país voltando à suas origens anímicas e simbólicas.

Dentro desta perspectiva romântica assiste-se a uma revalorização de Camões e d'Os *Lusiadas*, sendo assim dado particular relevo, neste século, à obra e ao autor que mais fez para que a epopeia nacional fosse conhecida, na beleza de seus inegaláveis versos. Já no século anterior, o XVIII, adquire o Vate projecção internacional através de diversas traduções e edições², mas também através de outras igualmente glorificadoras da obra do poeta e, portanto, dos portugueses. O célebre João Domingos Bontempo consagrou-o através da música que lhe dedicou. Fê-lo na *Missa de Requiem*, editada em 1819; o não menos afamado Domingos Sequeira contribuiu com uma pintura relativa à *Morte de Camões*, que expôs, em Paris, em 1824. Almeida Garrett colaborou neste retomar desta glória nacional com o poema *Camões*, vindo a lume igualmente em França, em 1825, e reeditado, em Portugal, em 1839. Mas parece que já, em 1813, se pensava na glorificação de Camões, fazendo-se para tal uma subscrição pública nacional e internacional para um mausoléu a colocar nos Jerónimos, tendo sido feitas diversas diligências a favor deste projecto.³ Garrett expressa estas intenções na 3.^a edição do seu *Camões*, e Passos Manuel, por Decreto-Lei de 1836, opta por São Vicente de Fora para a sua tumulação.

Esta linha nacionalista, sempre presente, embora de maneira e intensidade diferentes, será retomada mais para o fim do século de forma inesperada. Nesta época António Feliciano de Castilho sugeriu a constituição de um *Campo Elísio* para a sepultura de outras pessoas importantes de diversas áreas do conhecimento. O autarca Júlio Pimentel fez uma proposta idêntica à de António Feliciano de Castilho, em 1858, na Câmara Municipal de Lisboa. Mas nada se concretizou. Sérgio Campos diz ter havido, em 1871, a ideia de criar um *Panteão Nacional* no Mosteiro dos Jerónimos para os Grandes da Nação⁴. Isto mostra como Camões serviu para a concretização de algo que já estava na mente de muitos e como esta

² Traduções d'Os *Lusiadas* de Luís de Camões: para inglês feitas em 1655 por Sir Richard Fanshaw (1608-1666). Nova tradução em 1776, por William Julius Mickle (1734-1788): *The Lusiad, Or the Discovery of India. An Epic Poem*. O Morgado de Mateus faz uma edição monumental e luxuosa dos *Lusiadas*, e conta com M. Firmin Didot (1764-1836) como editor e com o pintor francês François Gérard (1770-1837). As ilustrações ficaram a cargo de Evariste Fragonard (1780-1850) e as gravuras de Raphael-Urbain Massard (1775-1843). Esta obra difundiu-se em muitas bibliotecas do mundo (11 Brasil, 22 França, 28 Inglaterra, 5 Espanha, 13 Itália, 2 América, 2 Ásia. Cf. Clara Moura SOARES, *As intervenções oitocentistas do mosteiro de Santa Maria de Belém: O sítio, a história e a prática arquitectónica*, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2005. (Doutoramento).

³ *Subscrição para o mausoléu de Camões* (1818). Marquês de Marialva e Morgado de Mateus – Comissão de Paris. Local Jerónimos. Subscrição de Comissão de Lisboa – sem sucesso. Subscrição de Paris e Londres 1817-1818 – 10.270 francos.

⁴ Cf. Sérgio Campos de MATOS, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Colibri, 1998, p. 431.

ideia projectada neste espaço se arrastou durante anos. Isto apesar de o templo, pela simbologia ligada às Descobertas e aos seus heróis e à História de Portugal, oferecer todas as condições para a exaltação da memória colectiva através dos seus maiores vultos, inserindo-se na óptica não de uma, mas de várias gerações.

O culto a Camões foi assumindo dimensões únicas ao longo deste século. Serviu de refrigério e reabilitação dos portugueses em tempos de crise, «tirando»-os do pessimismo em que se encontravam após as invasões estrangeiras e o domínio inglês. Nacionalidade e identidade foram assim cultivadas com estes objectivos. Os Jerónimos tiveram nisso um papel capital.

Camões acabou por fazer como que a ligação de toda a conturbada história dos túmulos de gente notável vinda para este Mosteiro; abriu o caminho e continuou a ser o estímulo para a criação do *Panteão Nacional* das figuras ilustres. Na verdade, a ideia defendida por uns, ao longo do século, e depois de muitas e intrincadas peripécias, algumas politizadas, e da incerteza acerca do local onde deveria ser concretizado, a concepção do projecto inicial só se concretizaria em 1880, nos Jerónimos, por ocasião do *Centenário* de Camões. Todavia tanto o seu túmulo como o de Vasco da Gama, só seriam concluídos em 1894. Ambos têm histórias complexas que serão desenvolvidas em outros artigos. Primeiramente colocados na capela do transepto do lado da Epístola junto ao do rei D. Sebastião, não ficaram aí, dados os entraves colocados pela *Comissão dos Descobrimentos*, em 1939, o que obrigou à sua recolocação no sub-coro.

Os festejos em volta de Camões e de Vasco da Gama rodearam-se de um cerimonial magnífico sobre o qual as gravuras da época e as descrições aparecidas na imprensa não deixam dúvidas⁵, sendo várias as instituições que contribuíram

⁵ «As câmaras municipais no préstito», [Camões] *Diario de Noticias*, 10 de Junho de 1880, p. 1; «Carta de Camões», *Diario de Noticias*, 10 de Junho de 1880, p. 1; «Sessão solene da classe tipográfica lisbonense em honra de Camões», *Diario de Noticias*, 10 de Junho de 1880, p. 1; Adolfo COELHO, «Assuntos do dia, 10 de Junho de 1580» [Camões], *Diario de Noticias*, 10 de Junho de 1880, p. 1; Júlio César MACHADO, «Folhetim, Camões e as festas», *Diario de Noticias*, 10 de Junho de 1880, p. 1; «[Gravuras da Vidigueira, de s. Rafael]», *O Occidente*, vol. 3, n.º 60 (Jun.) 1880, p. 105; «As nossas gravuras, Apoteose de Camões», *O Occidente*, vol. 3, n.º 63 (Ago.) 1880, p. 126; «Festas do Centenário de Camões – As nossas Gravuras», *O Occidente* vol. 3, n.º 62 (Jul.) 1880, pp. 117, 120, 121, 124-126; «Festas do Centenário de Camões. As nossas gravuras», *O Occidente*, vol. 3, n.º 61 (Jul.) 1880, pp. 111, 112, 113, 116; «Trasladações dos restos de Camões e Vasco da Gama. Desembarque em Belém no dia 8 de Junho de 1880-Gravura», *O Occidente*, vol. 3, n.º 60 (Jun.) 1880, p. 101; Rodrigo V. de ALMEIDA, «Retrato de Camões», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 91; Guilherme de AZEVEDO, «Crónica ocidental», *O Occidente*, vol. 3, n.º 62 (Jul.) 1880, pp. 118-119; Id., «Crónica ocidental», *O Occidente*, vol. 3, n.º 60 (Jun.) 1880, p. 102; Id., «Festas do Centenário de Camões, Crónica Ocidental», *O Occidente*, vol. 3, n.º 61 (Jul.) 1880, p. 111; Id., «Camões salvando os Lusíadas do naufrágio», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 91; Id., «Comemorações do Tricentenário de Camões, O Tricentenário de Camões», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 90; Pinheiro CHAGAS, «Camões e Natércia», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 90; Gonçalves CRESPO, «Na igreja das Chagas», *O Occidente, Revista Illustrada de*

para que o acontecimento tivesse a dignidade e a grandiosidade esperadas. Estava aberta a hipótese do Panteão para grandes figuras nacionais. A sua «conquista» foi uma empresa bem difícil porque, como em qualquer história, há sempre adjuvantes e oponentes.

A ideia, tendo germinado cedo, tarde floresceu. Difícil e cheia de peripécias foi a «ocupação» do Mosteiro dos Jerónimos. Se alguns intelectuais se preocuparam, desde o início do século XIX, em reviver, dar a conhecer e revalorizar o passado nacional, consubstanciado nos seus heróis, na sua história e literatura, no seu património⁶, os que se lhe seguiram durante todo o século e, principalmente, no seu final, com a grave crise provocada pelo *Ultimatum*, como que exacerbaram aquela tónica, levando-os a concretizar projectos antigos. E, posteriormente, associaram-se-lhes pessoas ligadas aos ideais republicanos.

Mas, para além da história da utilização deste espaço como Panteão, vale a pena referir as pessoas que foram escolhidas para aqui permanecerem, deixando as atribuições da vinda de algumas delas para outro momento, não só porque há muito para contar, mas porque cada uma delas merece um lugar especial.

Cada uma das individualidades que veio para o Mosteiro tem uma biografia especial, havendo sempre algumas que sobressaem pelos seus percursos, pelos maravilhosos textos que legaram, ou por outros motivos, até ideológicos como é o caso das figuras políticas. Certo é não haver uma igual à outra e daí, também, o interesse deste estudo. Monotonia não existe.

O primeiro a ocupar o templo depois de Vasco da Gama e de Camões foi uma das mais prestigiadas figuras do século XIX, Alexandre Herculano. Mas também não foi fácil a sua tumulação no Mosteiro. O segundo foi o tão amado João de Deus, em 1896. O poeta simples e bom, o homem generoso que tudo deu – para além dos seus talentos e inteligência que eram muitos – teve cerimónias e cortejos dignos de um ser tão especial como o inventor da Cartilha e

Portugal e do Estrangeiro, Lisboa, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 97; ID., «Trinta anos depois», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 97; João de DEUS, «Os Lusíadas», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 99; Almeida GARRETT, «Camões lendo os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde de Sintra», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 91; J. B., «Trasladação dos restos de D. Vasco da Gama», *O Occidente*, vol. 3, n.º 60 (Jun.) 1880, p. 103; Oliveira MARTINS, «Camões e D. Sebastião», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, pp. 98-99; Francisco de MENEZES, «A Camões», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 91; Brito REBELO, «Restos de Luís de Camões, Convento de Santana, Mosteiro dos Jerónimos em Belém», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, pp. 99-100; ID., «Vasco da Gama», *O Occidente*, vol. 3, n.º 60 (Jun.) 1880, pp. 102-103; Jaime VÍCTOR, «A Camões, A salvação dos Lusíadas», *O Occidente*, Suplemento ao n.º 59, 3.º ano (Jun.) 1880, p. 91.

⁶ Apenas por curiosidade se refere que o próprio Herculano alerta para a necessidade de preservar os monumentos nacionais. Fá-lo, por exemplo, em *A Escola Politécnica e o Monumento e os Monumentos Pátrios*, trabalho pioneiro nesta área. Em 1840 o movimento *Sociedade Conservadora dos Monumentos Nacionais* pretende defender o património nacional.

das muitas poesias de gosto popular. Sem complicações foi directamente para os Jerónimos. Os jornais⁷ dão-nos, durante dias e detalhadamente, conta das grandes cerimónias que lhe foram prestadas por amigos, estudantes e altas personalidades; referem-se aos seus dados biográficos e registam desenvolvidamente as opiniões de intelectuais e de políticos. O que aliás aconteceu com a maior parte dos que para aqui vieram, como Almeida Garrett e Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Sidónio Pais, Carmona.

Almeida Garrett⁸ foi um dos intelectuais que mais lutou por que o Panteão Nacional se concretizasse no Mosteiro. Mas também foi quem mais entraves teve para ali repousar. Merecia-o por muitas razões. Mas os homens nem sempre são justos. A sua tumulação foi das que mais celeuma levantou, por questões políticas.

Os republicanos quiseram, do mesmo modo, continuar este projecto pondo aqui neste monumento Sidónio Pais⁹ e Teófilo Braga. Mais tarde Salazar mandou ali colocar os restos mortais de Carmona¹⁰.

⁷ Teixeira BASTOS, «João de Deus», *O Século*, 16 de Janeiro de 1896, pp. 1-2; João Franco Castelo BRANCO, «João de Deus», *O Século*, 13 de Janeiro de 1896, p. 1; «Morte de João de Deus», *O Occidente*, vol. 19, n.º 614 (Jan.) 1896, pp. 9-10; «Notas», *O Occidente, Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, vol. 19, n.º 614 (Jan.) 1896, pp. 10-11; João de DEUS, «A oração», *O Occidente*, vol. 19, n.º 614 (Jan.) 1896, p. 12; Alexandre MEIRELES, «A primeira poesia de João de Deus», *O Occidente*, vol. 19, n.º 614 (Jan.) 1896, p. 11; A. L. dos Santos VALENTE, «Na morte de João de Deus», *O Occidente*, vol. 19, n.º 614 (Jan.) 1896, p. 11; «João de Deus», *Diário de Notícias*, 12 de Janeiro de 1896, p. 1; «João de Deus», *Diário de Notícias*, 13 de Janeiro de 1896, p. 1; «João de Deus», *Diário de Notícias*, 16 de Janeiro de 1896, p. 1; «João de Deus», *Diário de Notícias*, 17 de Janeiro de 1896, p. 1.

⁸ «Almeida Garrett», *O Século*, 3 de Maio de 1903, pp. 1-2; «Almeida Garrett», *O Século*, 4 de Maio de 1903, pp. 1-2; «Garrett no Panteão», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1; «As nossas palavras», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1; «Assuntos do dia, Almeida Garrett, A homenagem, o dia de ontem», *Diário de Notícias*, 4 de Maio de 1903, p. 1; «Eloquência tribuniária de Garrett», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1; «Estrangeiro, Carta de Paris», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1; «Homenagem a Garrett», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1; César SILVA, «Garrett», *Diário de Notícias*, 3 de Maio de 1903, p. 1.

⁹ João CHAGAS, *Diário*, 3, 4, Lisboa, Rolim, [1987]; João MEDINA, «O assassinato de Sidónio Pais», *Factos desconhecidos da história de Portugal*, Lisboa, Reader's Digest, 2004, pp. 200-213; João MEDINA, *Morte e Transfiguração de Sidónio Pais*, Lisboa, Cosmos, 1994; Glória SANTOS, «Viana do Castelo na monarquia do Norte», *Estudos Regionais, Revista de Cultura do Alto Minho*, n.º 18, 1997, pp. 61-96.; Eduardo SERPA, «PAIS, Sidónio, Bernardino Cardoso da Silva», *Enciclopédia luso-brasileira da cultura*, 14, Lisboa, Verbo, 1973, pp. 1071-1072.

¹⁰ 1. Luís Vaz de Camões (1524 ou 1525?-1579 ou 1580) – Trasladação para os Jerónimos, em 10 de Junho de 1880; 2. Vasco da Gama, (1468?-24 de Dezembro de 1524), em 10 de Junho de 1880; 3. João de Deus Ramos (1830-1896), em 15 de Junho de 1896, para os Jerónimos. Colocado na Capela da Pia Baptismal; 4. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1790-1854) trasladação para os Jerónimos, em 9 de Junho de 1902 (desde 1854 em túmulo vulgar); 5. Bernardino Cardoso da Silva Sidónio Pais (1872-1918) – para os Jerónimos, a 21 de Dezembro de 1918; 6. Abílio Guerra Junqueiro (1850-1923) – Jerónimos a 14 de Julho de 1923; 7. Joaquim Teófilo Braga (1843-

Mas a história não pára aqui, uma vez que, em 1966, todas estas personalidades, à excepção de Herculano, de Camões e de Vasco da Gama foram para a Igreja de Santa Engrácia, o novo Panteão Nacional, de forma a transformar a Sala do Capítulo em Sala Mortuária. Não cabe agora tratar das histórias individuais dos túmulos ou das vontades próprias dos familiares, amigos ou instituições oficiais de cada um destes escritores referentes à última morada, mas o que se percebe é que, em cada época, se tentou organizar ou gerir o espaço de maneira diferente. Mas Belém volta a ter importância após 1974. Mais recentemente, quase um século após a trasladação de Alexandre Herculano por proposta do deputado Manuel Alegre, Fernando Pessoa vem para os Jerónimos, em 1985. A obra é da autoria do escultor Lagoa Henriques. Isso aconteceu a 13 de Junho de 1985. Com o poeta da *Mensagem*, os Jerónimos retomariam, depois de 1974, o seu anterior papel simbólico.

Vários motivos existiram para tumultizar Alexandre Herculano (1810-1877) nos Jerónimos. Por um lado, o alto crédito que o escritor, durante toda a sua vida, conseguiu capitalizar, tornando-o o Pai da nossa história, sendo seguido incondicionalmente por muitos que o admiravam, desde o Imperador do Brasil, a Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, etc., que se deslocavam para o ouvir, primeiramente à Ajuda onde ele viveu longos anos, exercendo aí a sua função de Bibliotecário e Presidente da Câmara de Belém, e depois a Vale de Lobos, em Santarém.

Este respeito e admiração provinham da sua diversa e intensa actividade intelectual¹¹, quer como historiador – promovendo o conhecimento da nossa história e dos heróis nacionais desde os seus primórdios e com o estudo dos

-1924) – para os Jerónimos a 31 de Janeiro de 1924; 8. António Óscar de Fragoso Carmona (1869-18 de Abril de 1951) para os Jerónimos a 22 de Abril de 1951.

¹¹ 1836 – Publicação de *A Voz do Profeta* (Poesia); Redactor de *O Panorama* – Principal órgão de difusão das ideias românticas em Portugal; 1838 – Publicação de *A Harpa do Crente* (Poesia); 1838 – Publicação de *O Fronteiro de África* (Teatro); 1838 – Dirige o *Diário do Governo*; 1839-1844 – *Lendas e Narrativas*, 2 vols.; 1840 – Início da publicação da *História de Portugal*; 1842 – Publicação de *Os Infantes em Ceuta* (Teatro); 1842 – Publicação das «Cartas sobre a História de Portugal» na *Revista Universal Lisbonense*; 1843 – Publicação de *O Bobo* (Romance Histórico) – em *O Panorama*; 1843-1844 – Publicação dos «Apontamentos para a História dos Bens da Coroa e forais» no *Panorama*; 1844 – Estudos sobre a Idade Média Portuguesa; 1844 – Publicação do *Eurico, o Presbítero* (Romance Histórico); 1844 – *O Pároco da Aldeia*; 1846-1853 – Publicação da *História de Portugal* – 4 vols.; 1848 – Publicação de *O Monge de Cister*; 1850 – Publicação de *Eu e o Clero. Considerações Pacíficas*; 1850 – Publicação de *Solemnia Verba*; 1851 – Funda o Jornal *O País*; 1853 – Define a orientação de *O Português*. Escreve na *Revista Universal Lisbonense*, *Ilustração*, *Revista Académica de Coimbra*, *Semana*, *Memórias do Conservatório*, *Revista Peninsular*, *Annaes das Sciencias e Letras*, *Memórias da Academia Real das Sciencias*, etc.; 1853 – Inicia a publicação da *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; 1856 – Inicia a publicação da *Portugaliae Monumenta Historica*; 1859 – Publicação do último volume da *História da Inquisição*; 1866 – Estudos sobre o casamento civil; 1873-1908 – *Opúsculos*.

municípios¹² –, quer como poeta, romancista, jornalista, polemista, ao longo de toda a sua vida, até ao seu «exílio» para Vale de Lobos onde continuou a sua faceta de agricultor, também ela exercida durante quase toda a vida¹³, do lado de lá do rio e em Lisboa. Não são indiferentes as múltiplas atitudes e acções políticas que desenvolveu, aceitou ou rejeitou, e as ideias que defendeu acarretando consequências, por vezes, funestas para ele próprio. Vale a pena referir, a este respeito, a sua actividade de Presidente da Câmara de Belém, talvez das actividades mais desconhecidas, já que apenas exerceu essas funções durante um biénio, por causa da chamada *Questão do candeeiro*, que corporizou as suas dissidências em relação ao governo dada a disputa entre os empregados da Câmara e membros da municipalidade que desagradaram a Herculano. A Câmara é dissolvida pelo Decreto de 31 de Outubro de 1855.

A respeito da Câmara de Belém, Alberto Meireles dá-nos interessantes informações sobre diversos pontos, hoje ignorados: «Pelos decretos de 18 de Junho de 1885 e 17 de Setembro do mesmo ano, foram incluídas em Lisboa as freguesias da Ajuda, Alcântara, Belém, Carnide, Lumiar, Ameixieira, Campo Grande, Charneca, Olivais, Beato criando-se os 4 bairros existentes. Primitivamente, nos bairros coincidiam as funções administrativas com as judiciais e só em 16 de Março de 1832 foram separadas aquelas funções, passando a haver no concelho um magistrado administrativo com o nome de Provedor de Concelho»¹⁴. É «Pelo decreto de 11 de Setembro de 1852 [que] foram criados os concelhos de Belém e Olivais, e pelo edital de 13 de Outubro do mesmo ano, foram fixados os limites das freguesias»¹⁵. Este concelho tornou-se autónomo «entre 1852-1854 [...] Era constituído pelas seguintes freguesias: Ajuda, Benfica, Carnide, Belém, Odivelas, Alcântara extra-muros, Santa Isabel extra-muros e São Sebastião da Pedreira extra muros. Tinha 63 km²»¹⁶. O brasão da Câmara ainda pode ser visto não só o Largo dos Jerónimos como também na própria Câmara situada na Rua Nova do Calhariz, à Ajuda¹⁷, tendo como figuras emblemáticas Vasco da Gama e a Torre de Belém.

Resultante das actividades aqui sumariamente mencionadas, e como seu complemento importante, devemos somar aos atributos do historiador, o exem-

¹² César de OLIVEIRA, «Os municípios no Liberalismo Monárquico constitucional», *História dos municípios e do poder local – Dos finais da Idade Média à União Europeia*, Círculo de Leitores, 1996, pp. 199, 223; Fidelino de FIGUEIREDO, «Alexandre Herculano», *História literária de Portugal, séculos XII-XX*, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 2.^a ed. 1960, p. 356.

¹³ Fidelino de FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 357.

¹⁴ ALBERTO MEIRELES, *Lisboa Ocidental*, Lisboa, Oficinas A Poligráfica, s.d., p. xx.

¹⁵ *Id.*, *op. cit.*, p. xx.

¹⁶ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa-Maria-de-Belém>.

¹⁷ CARLOS CONSIGLIERI, FILOMENA RIBEIRO, JOSÉ MANUEL VARGAS, MARÍLIA ABEL, *Pelas Freguesias de Lisboa, Lisboa Ocidental, São Francisco de Xavier, Santa Marta de Belém, Ajuda, Alcântara*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação, 1996, p. 109.

plo de vida deste homem capaz de tomar as atitudes mais radicais em defesa das suas ideias, quando a sua honradez, a justiça, a honestidade e dignidade o exigiam, independentemente das ambições ou louros políticos que pautavam o *modus vivendi* de muitos dos seus contemporâneos. «A vida de Alexandre Herculano, particular e pública é [...] um dos seus livros mais conceituosos e de mais pura moral. Os caracteres austeros são mais raros e mais meritórios do que os talentos brilhantes, tantas vezes nocivos»¹⁸.

Ao longo da sua existência foi uma pessoa singular e um exemplo para todos. A biografia e a bibliografia da sua obra são muito claras e ricas. O que constituía razões mais do que suficientes para colocar os restos de Alexandre Herculano na Sala do Capítulo, sala inacabada e que nunca tinha sido utilizada para as suas verdadeiras funções, mas cobiçada por outros nobres, em séculos passados, para repouso eterno. Mas se isso se não verificou logo após a sua morte, em 13 de Setembro de 1877, em Vale de Lobos¹⁹, veio a concretizar-se mais tarde em 1888²⁰. Apesar de terem sido apontados outros locais como a Batalha, Santa Cruz de Coimbra, a igreja de Azóia de Baixo, a muitos pareceu ser aquele o local mais apropriado para honrar o grande homem. E de facto assim aconteceu.

A este propósito a reflexão de António Enes é muito clara quanto às aspirações dos amigos, pondo de lado todas as dúvidas existentes: «Há mais de três meses que Alexandre Herculano trocou o seu primeiro jazigo, Vale de Lobos, pelo mais cerrado e humilde de Azóia e a indiferença pública, que ele requestou vivo, ainda não ousou guardar-lhe o nome nesse arquivo, verdadeiro limbo, das glórias nacionais que os portugueses não mostram conhecer senão quando o inculcam, mais por jactância do que estimação consciente [...] porfia-se em disputar o grande homem ao silêncio e aniquilamento da morte». E na defesa do amigo, que não era só dele, mas de muitos encoraja, estimula, desafia: «Não deixemos pois, nós, discípulos parar a vida póstuma que começou para o mestre, suspender-se a obra do templo que lhe vai crescendo sobre a sepultura. Estudemo-lo para nós, expliquemo-lo às multidões, exponhamo-lo como modelo exemplo, e assim reconhecemos a dívida nossa e da pátria»²¹.

Da mesma maneira, não deixou Gervásio Lobato, numa das mais lidas e importantes revistas da época de fazer um ponto da situação aos leitores: «Meses depois de Alexandre Herculano morrer, nos princípios do ano de 1879, reuniu-se nos paços do concelho um grupo de amigos, de discípulos e de admiradores do

¹⁸ António ENES, «Alexandre Herculano», *O Occidente*, vol. 1, n.º 1 (1 Jan.) 1878, p. 2.

¹⁹ «A casa na Quinta de Vale de Lobos aonde morreu Alexandre Herculano», *O Occidente*, vol. 1, n.º 1 (1 Jan.) 1878, p. 4. Cf. ainda «A igreja da Azóia», *O Occidente*, vol. 1, n.º 1 (1 Jan.) 1878, p. 4; «Túmulo onde foi depositado Herculano», *O Occidente*, vol. 1, n.º 1 (1 Jan.) 1878, pp. 4-5.

²⁰ Cf. «Capela tumular de Alexandre Herculano no Convento dos Jerónimos», *O Occidente*, vol. 11, n.º 348 (Ago.) 1888, p. 187.

²¹ António ENES, «Alexandre Herculano», *O Occidente*, vol. 1, n.º 1 (1 Jan.) 1878, p. 2.

grande escritor e nomeou uma comissão, que ficou sendo presidida pelo sr. Rosa Araújo, para tratar de uma homenagem nacional e grandiosa à memória do ilustre morto. Essa comissão abriu uma subscrição nacional que produziu cerca de cinco contos de réis, contribuindo para ela com um conto de réis a câmara municipal de Lisboa e com duzentos mil réis a câmara de Santarém»²². Parco foi o resultado. No entanto o governo deu doze contos. E «A comissão fez erigir um grandioso túmulo monumental na casa do capítulo do extinto convento dos Jerónimos, e no dia 28 aí foram encerrados solenemente com todo o aparato e imponência duma festa nacional os restos de Alexandre Herculano»²³.

Em conformidade com o espírito da época, se constituiu pois a comissão que fez uma subscrição nacional para a construção do cenotáfio ao historiador nos Jerónimos. Contou com vários apoios como o Partido Regenerador, a coroa, e a própria Casa Pia, que se prontificou também a contribuir monetariamente para tal projecto. A posição desta instituição revelar-se-ia fulcral, uma vez que ainda era responsável por este espaço. Se previamente se tinha pensado no claustro por evitar problemas com a igreja ou com a coroa, é da própria Casa Pia que vem a ideia da Sala do Capítulo, que para tal teria de ser arranjada e completada, uma vez que esta não datava dos tempos iniciais da construção dos Jerónimos. Parece ter havido consenso. Neste sentido coube, ao deputado Mariano Cyrilo de Carvalho, tendo como adjutor António Augusto de Aguiar, a aceleração do processo. O projecto foi, deste modo, concretizado com uma verba para o arranjo da sala e para a erecção do sarcófago.

«As obras da Casa do Capítulo decorreram em 1884-1886: desterro para nivelar o terreno, demolição de um barracão que servia de aula de desenho, construção da abóbada. [...] O mausoléu é começado em 1886 e é inaugurado em 28 de Junho de 1888. É obra do Eng. Manuel Raimundo Valadas»²⁴. Mas tanto «O mausoléu [como] a estátua do crucificado foram erigidas por subscrição feita entre amigos e admiradores do finado»²⁵. É ainda de referir que «As obras da capela e do mausoléu foram gratuitas e zelosamente planeadas e dirigidas pelo distintíssimo eng. Manuel Raimundo Valadas – da comissão executiva»²⁶.

Na verdade, tudo conseguiram os amigos de Herculano e na data marcada, na estação dos comboios, em Lisboa, esperavam os seus restos «muita gente, representantes de el-rei e da rainha, ministros, pares do reino, deputados, acadé-

²² Gervásio LOBATO, «Crónica ocidental», *O Occidente, Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, vol. 11, n.º 343 (Jul.) 1888, p. 146.

²³ ID., «Crónica ocidental», *O Occidente, Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, vol. 11, n.º 343 (Jul.) 1888, p. 146.

²⁴ José da Felicidade ALVES, *O Mosteiro dos Jerónimos, Das Origens à Actualidade*, 2, Lisboa, Horizonte, 1992, p. 287.

²⁵ ID., *O Mosteiro dos Jerónimos. Das Origens à Actualidade*, 2, Lisboa, Horizonte, 1992, p. 288.

²⁶ ID., *Ibid.*

micos, homens de letras, jornalistas, professores, comissões de várias associações e sociedades e grande concurso do povo. De Alcântara para os Jerónimos o caixão foi transportado numa berlinda puxada a quatro parelhas»²⁷. Estava organizado um cortejo até aos Jerónimos e o grande escritor «foi recebido pelo pároco de Santa M.^a de Belém e conduzido por entre as alas dos alunos da casa Pia [...] No dia 28 às 11h 15m da manhã, perante uma assistência numerosíssima, em que estavam representadas pelos [...] seus mais distintos membros de todas as classes pensantes do país, começou a cerimónia religiosa por uma missa celebrada pelo bispo [...] [Uma] orquestra regida pelo maestro Gaspar, executou a famosa marcha fúnebre de Chopin [...] D. José de Almeida cantou excelentemente uma ária de Stradella e o Dr. Alves Mendes subiu ao púlpito a fazer a sua oração fúnebre.

O que foi essa oração, não é fácil de dizer: um assombro de talento e de eloquência, um dos mais notáveis triunfos oratórios, que temos visto no nosso país. Em seguida à oração fúnebre entouu-se o *Libera me* e o féretro foi conduzido para o mausoléu, ao som da marcha fúnebre de Chopin»²⁸.

Muitas outras histórias interessantes a diversos níveis há para narrar acerca das personalidades que para aqui vieram. A serenidade do Mosteiro é aparente. Ele oculta milhares de lutas e debates; esperanças e desilusões; hesitações, mas também vitórias que serão brevemente contadas...

Bibliografia

Alexandre Herculano 1.º centenário, Lisboa, s.l., s.n. (Imprensa Libânio da Silva).

Alexandre Herculano à luz do nosso tempo, Ciclo de conferências, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1977.

Alexandre Herculano e a Câmara Municipal de Belém, (Exposição) Lisboa, CML, Palácio Galveias, Campo Pequeno, Mar./Abr. 1978.

ALVES, José da Felicidade, *O mosteiro dos Jerónimos, Para um inventário do recebo do mosteiro de Santa Maria de Belém*, 1, Lisboa, Horizonte, 1991.

ALVES, José da Felicidade, *O mosteiro dos Jerónimos, Para um inventário do recebo do mosteiro de Santa Maria de Belém*, 2, Lisboa, Horizonte, 1992.

ALVES, José da Felicidade, *O mosteiro dos Jerónimos, Para um inventário do recebo do mosteiro de Santa Maria de Belém*, 3, Lisboa, Horizonte, 1993.

²⁷ Gervásio LOBATO, «Crónica ocidental», *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, vol. 11, n.º 343 (Jul.) 1888, p. 146.

²⁸ ID., «Crónica ocidental», *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa, vol. 11, n.º 343 (Jul.) 1888, p. 146; Cf. ainda «Capela tumular de Alexandre Herculano no Convento dos Jerónimos», *O Occidente*, vol. 11, n.º 348 (Ago.) 1888, p. 187.

- AMORIM, Francisco Gomes de, *Garrett, Memórias biográficas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884.
- ARANHA, Brito, «A dissolução da Câmara Municipal do Concelho de Belém», Lisboa, Tipografia do Progresso – Dezembro de 1855», in suo ed. *Dicionário bibliográfico português, Estudos de Inocêncio Francisco da Silva, aplicáveis a Portugal e Brasil*, 21, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914, pp. 629-630.
- ARANHA, Brito, «Palavras finais e necessárias», in *Dicionário bibliográfico português, Estudos de Inocêncio Francisco da Silva, aplicáveis a Portugal e Brasil*, 21, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914, pp. 317-332.
- BALÃO, António, *Alexandre Herculano e Gomes Monteiro, Alexandre Herculano como Presidente da Câmara de Belém*, Lisboa, Sep. dos Anais, 2.^a Série, vol. 7, 1961, pp. 77-100.
- BARATA, J. P., *Pensar Lisboa*, Lisboa, Horizonte, 1989 (Coleção Cidade de Lisboa).
- BEIRANTE, Cândido, Jorge CUSTÓDIO, ed., *Alexandre Herculano*, Secretaria de Estado da Cultura, Comissão Coordenadora das Comemorações do Centenário da Morte de Alexandre Herculano, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977-78.
- BEIRANTE, Cândido, Jorge CUSTÓDIO, ed., *Alexandre Herculano, Um homem e uma ideologia na construção de Portugal, Antologia*, Amadora, Bertrand, 1979.
- BESSA, Alberto, *Almeida Garrett no Pantbeon dos Jerónimos: história dos trabalhos de propaganda para a grande manifestação nacional de homenagem ao visconde de Almeida Garrett*, Lisboa, Tipografia Casa Portuguesa, 1902.
- «CARMONA (António Óscar de Fragoso)», *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 5, Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, Lda., pp. 958-959.
- CHAGAS, João, *Diário*, 3, 4, Lisboa, Rolim [1897].
- COELHO, António Borges, «Movimento comunal ou municipal», in *Alexandre Herculano*, Lisboa, Presença, 1965, pp. 105-112.
- COELHO, Jacinto do Prado, «Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida (Porto, 1799-Lisboa, 1854)», in suo ed., «*Dicionário de literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, de estilística literária*, 1, Porto, Figueirinhas, 1969, pp. 363-367.
- COELHO, Jacinto do Prado, «Junqueiro, Abílio Guerra (1850-1923)», in suo ed., *Dicionário de literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, de estilística literária*, 1, Porto, Figueirinhas, 1969, pp. 513-516.
- COELHO, Jacinto do Prado, «Pessoa, Fernando António Nogueira», Lisboa, 1888-1935», in suo ed., *Dicionário de literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, de estilística literária*, 2, Porto, Figueirinhas, 1969, pp. 818-823.
- COELHO, Jacinto do Prado, «Romantismo», in suo ed., *Dicionário de literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, de estilística literária*, 2, Porto, Figueirinhas, 1969, pp. 962-965.
- CONSIGLIERI, Carlos, Filomena RIBEIRO, José Manuel VARGAS, Marília ABEL, *Pelas Freguesias de Lisboa, Lisboa Ocidental, São Francisco de Xavier, Santa Marta de Belém, Ajuda*,

- Alcântara*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação, 1996 (Biblioteca do Mosteiro).
- DIAS, Jaime Lopes, *A junta geral na vida administrativa portuguesa*, Famliação, Tipografia Minerva, 1927.
- FERREIRA, Ana Maria, «Alexandre Herculano – O historiador e o modelo municipal», *Arquivo de Cascais, Boletim Cultural do Município*, Cascais, n.º 11, 1992-1994, pp. 189-192.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, «Alexandre Herculano», in *História literária de Portugal, séculos XII-XX*, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1960, 2.ª ed., pp. 354-366.
- FOLQUE, Filipe, *Atlas da carta topográfica de Lisboa*, ed. Inês VIEGAS *et al.*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Património Cultural, Arquivo Municipal de Lisboa (Mapas n.ºs 34, 53, 59, 59 A, 59 B, 60, 61, 63).
- FREITAS, Eduardo de, Maria CALADO, Vítor Matias FERREIRA, *Freguesia de Belém*, Lisboa, Contexto Ed., 1993.
- GORDO, João António, *Confederação nacional dos municípios*, Castelo de Vide, Tip. Castelo-vidense, 1922.
- GORDO, João António, *Regresso aos municípios*, Castelo de Vide, s.l., s.n.
- HERCULANO, Alexandre, «Representação da Câmara Municipal de Belém no Parlamento», in *Opúsculos*, 7, Lisboa, José Bastos Ed., [1898], 2.ª ed., pp. 191-230.
- HERCULANO, Alexandre, «Representação da Câmara Municipal de Belém ao Governo», in *Opúsculos*, 7, Lisboa, José Bastos Ed., [1898], 2.ª ed., pp. 163-188.
- MATOS, Sérgio Campos de, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Colibri, 1998.
- MOURÃO-FERREIRA, David, «Deus, Ramos, João de» (1830-1896), *Dicionário de literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, de estilística literária*, 1, Jacinto do Prado Coelho, ed., Porto, Figueirinhas, 1969, pp. 258-259.
- SANCHES, José Dias, *Belém e arredores através dos tempos*, Lisboa, Livraria Universal Editora, (1940).
- SOARES, Clara Moura, *As intervenções oitocentistas do mosteiro de Santa Maria de Belém: o sítio, a história e a prática arquitectónica*, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2005. (Doutoramento).
- TORGAL, Luís Reis, João ROQUE, *História de Portugal, O Liberalismo*, s.l., Estampa, 1993, José MATTOSO (ed.).
- TORGAL, Luís Reis, José Amado MENDES, Fernando CATROGA, *História da história em Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa, Temas e Debates, 1998.